

José Machado Pais, 2003.

Ganchos, tachos e biscates

Porto: Ambar, 429 p.

Na obra que constitui objecto de recensão, Machado Pais aborda, essencialmente, o problema da precariedade de emprego que afecta, de forma grave, os jovens portugueses analisando as consequências, transformações e alterações que tal situação provoca no quotidiano desses mesmos jovens. E fá-lo, denunciando, também, factores responsáveis por alterações comportamentais que levam muitos jovens ao desvio e a situações que, pela imaturidade própria de quem é jovem, conduzem a rumos desviantes com as consequências que daí advêm.

Recorrendo, frequentemente, à mitologia e à filologia procura, através delas, desvelar os sentidos ocultos das palavras para clarificar e compreender as semânticas plurais da existência dos jovens e para, ao mesmo tempo, denunciar o enfraquecimento simbólico e das fronteiras simbólicas entre etapas etárias das sociedades contemporâneas.

A obra estrutura-se, fundamentalmente, em duas partes, sendo a primeira, uma abordagem teórica do fenómeno desemprego/precariedade, - questão chave que se problematiza na obra - e a segunda, como suporte da primeira, um trabalho empírico realizado a 14 jovens que se vêem envolvidos numa luta diária de busca de formas múltiplas para tentar ganhar a vida, numa tentativa de fazer face a gastos pessoais que a sociedade consumista lhes sugere e, por outro lado, de alguma forma de realização pessoal.

Os conceitos de emprego/desemprego, encontram-se desajustados face à nova realidade do mercado de trabalho. A própria economia de mercado assenta na diminuição do emprego fixo e os tachos, ganchos e biscates são a alternativa dos jovens que não fazem parte das estatísticas do desemprego.

Se a dinâmica do trabalho era, outrora, caracterizada por alguma segurança na carreira profissional, hoje em dia, essa (in)segurança é traduzida em incerteza, substancializada numa sobrevivência diária, num jogo onde a esperteza e o espírito de aventura se aliam e tentam dominar as agruras do quotidiano.

No fundo, é uma ligação não sólida, nem constante nem segura, entre a improvisação dos acasos de momentos, e destinos fatalistas, onde nem todos têm a mesma sorte, num jogo que vem das trajectórias da exclusão social, da não inserção dos jovens nas escolas e na formação profissional e, ao mesmo tempo, sem a esperança de concretização de um emprego, no trabalho infantil em que as heranças culturais travam e determinam o curso da vida.

Machado Pais denuncia o trabalho infantil, reconhecido e pouco combatido pelas instituições sociais, a ideologia arcaica, apoiada numa "ética tradicional do trabalho" (p.42) para a qual este é a melhor escola de vida, aliando, assim, padrões e famílias de menores:

...Os pais vinculam-se a esta ideologia que favorece a entrada precoce das crianças no mundo do trabalho. As crianças, por sua vez, acabam por interiorizar esta ideologia fomentadora de uma "ética do trabalho" que não escolhe idades. É neste clima ideológico que se gera uma aliança tácita entre patrões e famílias de menores... (p.42)

Perante o insucesso escolar e o abandono precoce da escola, Machado Pais questiona o sentido da escolaridade obrigatória, "uma vez que, nem todos a podem cumprir com sucesso" (p.43) e posicionando as políticas de educação como um "factor claro de contenção do desemprego" (p.45) funcionando "a escola como parque de estacionamento de potenciais desempregados" (p.45). Segundo ele, "...o efeito

perverso desta contenção é bem claro: aumenta-se o nível de qualificação ou de certificação dos desempregados, em vez de se reduzir o nível de desemprego..."(p.45) "No caso de Portugal, os baixos níveis de desemprego são possíveis pelos elevados níveis de subemprego..."(p.48) e "...algumas empresas sobrevivem à custa da flexibilização laboral, recorrendo a desempregados ocasionais, subempregados, subcontratados. A tendência actual nos mercados laborais é apelar cada vez mais a uma força de trabalho que se pode recrutar rapidamente, assim como, rapidamente se pode despedir..."(p.48)

Apelando à questão da educação/formação existente, sugere que "as estruturas educativas necessitam de uma reforma radical. Actualmente, o saber perdeu o seu sentido de fim em si mesmo e transformou-se num mero instrumento de mobilidade social. A democratização do ensino impulsionou uma massificação do mesmo. Mas a massificação do ensino, norteada por princípios de igualdade democrática, mascara desigualdades persistentes: as económicas. Ante a impossibilidade de conferir aos cidadãos uma igualdade económica, as políticas de educação têm promovido uma pretensa igualdade educativa..."(p.50)

Esta pretensa igualdade educativa vai criar nos jovens falsas expectativas de futuros cursos académicos não cursados por falta de médias dando, assim, lugar a frustrações decorrentes de estudos feitos em matérias não desejadas levando, mais tarde, a empregos que exigem conhecimentos nunca adquiridos.

Dá que a política institucionalizada seja a aposta na formação profissional. Só que "...as dúvidas surgem quando os ideólogos da formação profissional nos querem fazer crer que ao "decretar-se" a profecia (o investimento na formação profissional) se soluciona o problema do desemprego juvenil..."(p.51) "reforçando esta ideia com os resultados obtidos num estudo efectuado em 1997 pelo Observatório de Entradas na Vida Activa (OEVA) que mostra claramente que a "...formação profissional nem sempre tem contribuído para eliminar ou atenuar alguns dos aspectos mais negativos do sistema de emprego, nomeadamente, nem sempre,

tem conseguido enfrentar adequadamente o problema do desemprego juvenil..."(p.57).

A própria formação profissional é duvidosa, na medida em que, acentua a discriminação sexual no trabalho. Apesar de existirem mais mulheres nas escolas profissionais do que há alguns anos atrás, os cursos estão direccionados para as áreas ditas femininas: secretariado, contabilidade, têxtil, calçado e artesanato; acentua, igualmente, "a selectividade social do sistema de ensino"(p.57): são os jovens oriundos das camadas mais desfavorecidas da população que mais frequentam estes cursos na esperança de mais rapidamente alcançarem o mercado de trabalho, muitas vezes, motivados por carências económicas familiares; por último, são as próprias empresas que fomentam a formação para dela poderem tirar partido, ou seja, para adquirirem mão de obra barata, com contratos de estágios ou aprendizes consolidando a precariedade dos empregos e a instabilidade da vida dos jovens empregados.

Machado Pais prova, além disso, que "a probabilidade de um desempregado ficar desempregado após a frequência de um curso de formação profissional é elevada"(p.59), deitando por terra a profecia de que aquela combate o desemprego juvenil.

Contraria, também, o estudo das trajectórias de vida onde se continua a privilegiar a linearidade, quando as representações da vida são formadas "...por uma multiplicidade de fazeres quotidianos, entre si cruzados..."(p.85)

Os métodos lineares, englobando uma ordem composta e sequente, não têm qualquer sentido, quando a vida é projectada por entre baixos e altos, em metas fugidias, em objectivos definidos, indefinidos e inconcretizáveis; "...são tão importantes os alinhamentos da vida quanto os seus desalinhamentos; são tão relevantes as lienações da vida quanto as suas alienações, estas últimas bem mais difíceis de apreender..."(87)

O autor referencia as histórias de quadradinhos da mesma forma que as histórias de vida "...a comunicação é feita através de um conjunto descontinuo de imagens..."(p.92) e, apesar da história aos quadradinhos

necessitar de seguimento, de alguma linearidade há que interpretá-la "nos descontínuos da informação..." (p.92)

E, estes descontínuos, são, também, as turbulências cuja força agita a vida e o quotidiano dos jovens, "...rosário de enredos cruzados cuja linearidade é sacrificada a favor da interconectividade entre factos, modos e tempos..."(p.93), em vivências passadas e expectativas futuras em contextos diversos, cruzando-se o "aqui com o agora" (p.94) na "...descontinuação da realidade social, ao fragmentá-la em realidades discretas e finitas..."(p.94)

São os fragmentos da vida, relatos de vida "amontoados de memórias de pedaços de vida"(p.103), partes de uma montagem colada na decomposição da linearidade, fragmentos decompostos, rumos de vida desalinhados, eventos sucessivos num relato inflexivo e reflexivo dos instantes de vida, vividos/perdidos, que passam velozmente e se transformam em rupturas, que rompem com a linearidade e... "...temos, pois, de trabalhar métodos pós-lineares que nos permitam dar conta das rupturas da vida – vividas ou relatadas – plenamente indicadas pela sua fragmentalidade. Os fragmentos de vida aparecem-nos desprendidos do seu todo de pertença. Mais uma vez, surge o desafio implicado pela estratégia metodológica de "ir por partes..." "...o par partes/todo mantém relações de reciprocidade, implicação, pressuposição, dependência..." E é esse o "...desafio da análise interpretativa, o de trabalhar os segmentos de sentido, interconectando-os revirando-lhes os sentidos..."(p.105).

Vivemos num tempo de instabilidade e de incertezas, que cria raízes naqueles onde ainda prevalecem sonhos e, por isso mesmo, nos mais fragilizados da nossa sociedade – os jovens – obrigados a trajectórias de vida não lineares, onde os sonhos são deitados por terra e espezinhados por uma realidade que não habitava nos seus imaginários, levando-os a encruzilhadas onde a sorte, por vezes, dita o destino ou dele faz troça, entregues às feras e esferas do acaso, onde os mais fortes ainda conseguem enganar a sorte com estratégias várias de sobrevivência.

Cada vez mais a trajectória de vida dos jovens é um labirinto onde entram e donde tentam sair; movendo-se nele numa tentativa de construção do presente, sem lugar para o futuro; (re)volteando-se nos rumos e ciclos de vida interrompidos; circundando num quotidiano qual jogo de risco, qual jogo de yô-yô, linhas de vida, linhas de jogo cruzadas, emaranhadas entre sonhos e ilusões perdidas no desencanto dos poucos altos e muitos baixos do quotidiano, labirinto onde muitos entram e donde poucos saem.

Machado Pais aborda, no trabalho empírico deste livro, de uma forma realista, quase roçando a crueldade, em contraste com a simplicidade e transparência contida na sua escrita, a dura quotidianidade dos jovens portugueses, vivenciando um presente sem perspectivas de futuro, tentando sobreviver à custa de ganchos, tachos e biscates, numa sociedade que lhes nega o direito a um futuro onde a segurança de um trabalho fixo e a uma vida organizada, permita concretizar sonhos e expectativas ou, pelo menos, lhes possa dar o garante a uma vida sem grandes sobressaltos.

O caso do Lúcio, "vida estafada a de estafeta"(p.131), distribuição de pizzas, a correria pelo asfalto, a pressa de chegar sob pena de ir para a rua, o medo da queda da moto, o corpo a raspar no negro do alcatrão, agora na correria duma empresa que é dele, registado nas finanças como gerente, poupando o máximo para tirar algum proveito e poder ajudar a mãe que o criou sozinha; Ninó, estudante universitária, no rodopio de trabalhos precários, o frio na barriga do medo do futuro: "Ninó para aqui, Ninó para ali"(p.157); Festo, negro, 12º ano, trabalho só nas obras, à noite a liberdade dos sonhos nas rotações vertiginosas do pôr e tirar de CD's na vida de DJ, em Discoteca de negros, a cor da pele a excluí-lo no presente e no futuro, porque "quem é preto, mesmo que esperto, raramente se safa"(p.205); e o Zé Manel, de trabalho em trabalho, fiel de armazém, responsabilidade acrescida em muitas horas de trabalho, de sol a sol a troco de trocos miúdos, dois "Mars" por dia, consumidos à pressa, "um faz tudo até não aguentar mais

num crescendo de cansaço e... cair de baixa"(p.p.189,191), tentando ainda sustentar a ilusão na música que lhe dá forças, constituir uma banda e... "tocar conceitos tipo... felicidade"(p.201)... e o do tacho, estudante de Ciência Política, desde pequeno a ouvir o avô dissertar sobre os meandros da política e como chegar lá, já a caminho, nas redes e malhas do prestígio como Presidente da Associação de Estudantes e como "...as aparentes saídas do labirinto desembocam em novos labirintos de encruzilhadas e de utopias - há que saber viver no labirinto da vida..."(p.68)

E, quando nestes percursos as forças faltam, os desafios espreitam, a aventura alia-se ao risco, qual característica de ser jovem, então, surge o desnorte, ausência de norte, ausência de rumo, voltas e revoltas no carrocel mágico de momentos que de mágico nada têm.

É o caso das jovens acompanhantes: "puta de vida que me fez puta"(p.259). A Inês e Joana, estudantes universitárias. A Inês, sem dinheiro para ir de férias, querendo vestir as mesmas marcas da moda que as outras colegas de curso, as saídas à noite, a falta de dinheiro, o não querer ser excluída de prazeres lúdicos a que também tem direito, o recurso a uma via de mais dinheiro e mais fácil(?). A Joana, cravejada de dívidas, puta fina, "beta de Cascais" (p.284), acompanhante para todo o serviço e ambas no carrocel da vida, tentando nunca serem descobertas, tentando nunca serem reconhecidas pela falsa moralidade da sociedade que condena o imoral(?) mas não condena a imoralidade das encruzilhadas sem saída; nem condena o rumo desorientado dos arrumadores de carros em parques de estacionamento e dos carrinhos de compras das grandes superfícies, onde o cheiro do querosene se mistura com o cheiro do "cavalo" ou dos suores das ressacas que se advinham; condenando, no entanto, os perdidos e achados dos ganchos ilícitos, trabalho feito no outro lado da vida, naquele que é obscuro, ocultado pelo outro lado da lua, na margem duma bússola sem agulha, os roubos, os expedientes e as burlas, caminho de risco na vida de risco, inúmeros empregos, igual número de despedimentos, a (des)ilusão da vida, o

sonho desfeito nas marcas das agulhas, o caldo nas veias, ainda não entornado, o caldo entornado na ressaca da prisão.

Estudo de casos, relatos de vida, testemunhos dramáticos que fazem parte do quotidiano de grande parte dos jovens da sociedade actual. Estamos a falar de jovens, estamos a falar dos nossos filhos e, como tal, urge responsabilizar de vez todo o aparelho político-económico que organiza a sociedade de mercado e de consumo. Urge apetrechar as instituições sociais com os meios e instrumentos adequados para que possam, de um modo coordenado e global, dar resposta, de um modo responsável, aos problemas que afectam os nossos jovens.

Contudo, torna-se cada vez mais urgente a transformação das mentalidades quer a nível individual, quer colectivo, no sentido de comprometer e responsabilizar toda a sociedade que, lamentavelmente, se vem alheando dos problemas da juventude, encerrando-se num individualismo, ego-centrismo e competitividade patológicos.

Finalmente, esta obra, que consideramos magistral, deve ser conhecida por todos os que trabalham com os jovens e que, muitas vezes, desconhecem a dura realidade que lhes estrutura a existência.

Maria Gabriela Lopes